

Nova Deli, Índia, 5 de Julho de 2017

Sobre a Cerimónia “Upanayan”

À cerca de mais de um mês atrás, recebi um convite de um parente relativamente próximo, para participar na cerimónia “Upanayan” do seu filho em Calcutá, na Índia. Estava em Paris e desse modo não me foi possível participar, foram só enviadas bençãos através de um kriyaban que vive em Calcutá. Os kriyabans de Paris pediram para escrever uma mensagem sobre esta cerimónia Bramânica e o seu inerente significado. Agora tenho alguma folga relativamente ao meu calendário muito sobrecarregado, daí esta mensagem.

Esta cerimónia é restrita entre a comunidade dos “Brahmin” na Índia. “Nayan” significa Olho, “Upa” significa em estreita proximidade com este Olho. Esta cerimónia significa que se espera que sejamos um Olho disponível, ou seja, ver “o que é” e não nos perdermos nas actividades da ilusão “eu”, que permanece ocupada com “o que deveria ser”. As imagens do “eu” impedem o advento da Percepção interior, que acontece através de ver directamente pelo Olho.

Os “Olhos” levam ao saber, percepções; enquanto o “eu” fica entretido no conhecimento emprestado, conceitos e conclusões. Em Kriya Yoga, entendemos que o conhecimento técnico projecta um “eu” que funciona como um coordenador destas technicalidades e ajuda-nos a funcionar com eficiência e excelência, para desempenharmos as nossas tarefas diárias, para satisfazermos as nossas necessidades diárias, enquanto os conteúdos da nossa consciência, tais como ganância, medo, inveja, sistemas de crença, etc, sustentam um “eu” que funciona meramente como um mecanismo de protecção destes conteúdos.

Não é que “eu” tenha medo ou ganância, mas o “eu” é medo ou ganância, etc. O que quer que o “eu” faça para controlar, digamos, o medo ou a ganância, são, afinal, estas mesmas poluições que o estão a fazer, dando continuidade e complicações a si mesmas, sob a bandeira do “eu”.

É deste modo que o “eu” se torna, infelizmente, o mecanismo protector destas poluições mentais.

Este “eu” imbecil disfarçado de “alma” que impede a intensidade de ver através dos “Olhos”. O cordão Bramânico usado no corpo, lembra-nos constantemente para não sermos vítimas da vaidade e de interesses velados desta “condição-eu” - a psique separativa. Assim somos lembrados para estarmos disponíveis para a veracidade do “que É”, ou seja para o entendimento existencial da Vida (Chiti Shakti). De outro modo, permanecemos entretidos com os nossos enredamentos nos projectos mentais (Chitta Vritti). Este cordão “Sagrado” também tem o nome de “Yagno Pavita”. Yagna significa Yathartha Gnyan que indica que uma pessoa está sinceramente totalmente disponível para o “que é” da Vida e nunca se deixa cair no “que deveria ser” dos mitos da mente. Upa significa grande proximidade e Veet (livre de) como vem indicado no seguinte verso (segunda linha do verso 56, Capítulo 2 da Bhagwad Gita).

Veet Raaga Bhaya Krodhah Sthita Dheer Munir Uchyate II..(ou seja ..Diz-se que alguém que está Livre do Apego, Medo e Raiva, que é um Sábio)

Deste modo este cordão deve lembrar Uma pessoa para estar na dimensão de Pura Consciência Holística que transcende o apego, a aversão, a angústia, a ansiedade e vários tipos de raivas, levando deste modo à total energia da equanimidade e ao silêncio. No caso de tudo isto não acontecer, então o cordão torna-se simplesmente um símbolo sujo duma declaração estúpida de que uma pessoa pertence a uma “casta superior” da sociedade.

Jai Ver “O que é”, (“O que há”)

